

ERA UMA VEZ EM ANGOLA

GUILHERME VALADÃO

ERA UMA VEZ
EM ANGOLA



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2015

Para a Isabel.

À memória de Diva.
À memória de Tereza.

Once Upon a Time in Africa...

CAPÍTULO I

A VIAGEM

Ao princípio da madrugada de um dia quente daquele mês de Julho, um rapazinho subia, em passada enérgica, a encosta íngreme de um morro da serra da Kileva, perto da cidade do Lobito, em Angola. Chamava-se João Botelho e tinha dez anos, nesse ano de 1948. Seguindo uma trilha paralela à picada utilizada pelos veículos que saíam da cidade em direcção a outros pontos a norte e a sul do território, parava frequentemente para olhar para trás, escutando se algum ruído, diferente do que ouvia da mata densa que o rodeava, denunciava a aproximação de qualquer veículo ou de alguém no seu encalço.

Perto do alto da picada, parou mais uma vez para retomar o fôlego. Naquele ponto já alto da montanha, sentou-se no rebordo de uma rocha que sobressaía da parede de terra vermelha na encosta íngreme. A seus pés estendia-se, até ao mar que a banhava, a cidade do Lobito, pobrementemente iluminada àquela hora. Vista assim, de longe, parecia maior do que era. As luzes, ainda acesas, o mar sereno, já pequeno visto daquele ponto, com reflexos de prata pela claridade da lua que brilhava intensamente, os mangais do outro lado, perto do cais, reflectindo a luz como pequenos cristais dispersos sobre

veludo negro, e o rio Catumbela, caudaloso e turbulento, eram os pontos fortes de uma paisagem urbana adormecida, quase em silêncio, de tão rara beleza que nenhum pintor fora ainda capaz de surpreender e gravar na tela da memória aquele instante mágico. Mas não eram estes os pensamentos que preocupavam aquele viajante juvenil. A ele, a paisagem era indiferente naquele momento. Eram bem outros os medos que o assaltavam...

Recuperado o fôlego, levantou-se para retomar a penosa escalada. Horas depois atingia o cume da montanha, onde a estrada se suavizava na linha ascendente, menos pronunciada, e prosseguia num nível mais plano e mais fácil de trilhar. Caminhava sempre ao lado da picada, num trilho de pé posto feito diariamente pelos povos da zona que desciam à cidade para se abastecerem, venderem os seus artesanatos e fazerem as suas pescarias nas áreas alagadas dos mangais, junto ao rio até à zona portuária.

A noite foi entretanto perdendo os seus tons mágicos de prata e cinza. Em breve, o sol brilhava com intensidade, elevando-se no firmamento, saído dos confins do mar profundo, e a temperatura subia rapidamente.

Havia mais de oito horas que iniciara aquela marcha. Sem que pudesse evitar, recordou-se das últimas cenas que vivera na noite anterior, em casa de seu padrasto e da mãe. Fechou os olhos como que para afastar de si aqueles pensamentos, a raiva e a revolta impotente que eles lhe despertavam...

Durante todo aquele dia, seguiu em passo estugado pela estrada, agora revestida de um asfalto negro, esburacado aqui e ali. Não sentia qualquer fadiga ou medo do isolamento, dos ruídos estranhos e sons quase misteriosos que vinham da mata frondosa que ladeava ambos os lados da estreita via. Ao fim da tarde, quando começava a sentir o cansaço invadir-lhe o corpo, ouviu ao longe o rugido de um motor em esforço.

Afastou-se para uma clareira, rodeada de árvores de grande porte, e aguardou pela passagem do veículo pesado que parecia aproximar-se. Passou por ele em marcha lenta, o motorista atento ao piso esburacado olhava em frente, sem dar pela sua presença. O ajudante, empoleirado no alto da carga, olhou o inusitado caminhante com a surpresa disfarçada num sorriso de cumplicidade, sem qualquer gesto que denunciasse ao motorista a sua descoberta, como se fosse natural que um rapazinho daquela idade e àquela hora fizesse parte daquela paisagem solitária.

Quando o veículo já se perdia na distância, voltou à sua caminhada no mesmo passo. Em breve seria noite de novo e era necessário procurar um abrigo seguro onde dormir. Naquela zona eram frequentes os animais selvagens de pequeno e médio porte — palancas, coelhos e galinhas-do-mato, principalmente. Eram inofensivos. Mas ele sabia, pelas histórias que tantas vezes ouvira contar, que a jibóia — uma cobra constritora de grandes dimensões em adulta —, o cão selvagem e as hienas eram comuns na região, e esses já não seriam tão pacíficos e inofensivos como os primeiros.

Ao cair da noite, os sons vindos da floresta eram mais vivos e tornavam-se quase ensurdecedores nalguns pontos do caminho. E conseguia distinguir alguns deles, como o latido dos cães e o uivar quase cantante das hienas e, estranhamente, os de um batuque distante, rompendo a noite. E continuava, até àquele momento, sem ter encontrado um abrigo. Foi naquele instante, em que se detivera para ouvir melhor a sinfonia irrequieta e até alarmante que vinha da floresta densa, que avistou dois homens, um pouco mais à frente do ponto em que se encontrava. Enfrentar a noite sozinho era um pensamento que o preocupava. Na companhia de outras pessoas, mesmo a uma pequena distância, talvez fosse menos insupportável. Estariam a um grito de distância. Estugou o passo, quase correndo, para alcançar os dois vultos que vira, de relance,

uns instantes antes. Mas haviam desaparecido misteriosamente, com certeza tragados pelo arvoredo denso, provavelmente na perseguição de caça subitamente avistada!

Começara a tomar consciência dos perigos que a sua fuga, motivada por desesperada ideia, envolvia. Não se tinha apercebido até àquele momento de que se embrenhara numa floresta gigantesca e que a sua única referência era a estrada que vinha seguindo. Perdida de vista, só por um acaso ou milagre a voltaria a encontrar. Anotou mentalmente esta primeira lição de sobrevivência.

Seguia na direcção do ponto onde vira os dois homens. Provavelmente, já os teria ultrapassado. Mas continuou no mesmo ritmo apressado, correndo alguns metros e perscrutando a mata nas paragens que fazia. Não conseguia ver ninguém! Notou que o som do batuque estava agora mais nítido e mais próximo, e procurou segui-lo, sem perder a estrada de vista. Mas depressa percebeu que esse som se afastava e se tornava cada vez mais distante. Retrocedeu até perceber, num determinado ponto, que o som vinha, afinal, de um lugar longe dali e que, para o localizar, teria de se embrenhar na mata, perdendo definitivamente a estrada de vista.

A noite profunda e os seus ruídos misteriosos tinham descido de novo sobre a floresta densa. Nem a claridade da lua o ajudaria porque estava completamente encoberta pela copa das árvores, qualquer que fosse a direcção que tomasse. A esteira negra de asfalto era agora uma mancha escura, vagamente brilhante na noite densa pelo cacimbo que a cobria. Encontrar um abrigo relativamente seguro para dormir seria difícil naquela escuridão. Decidiu ignorar todas as precauções e saiu da estrada em direcção aos sons, cada vez mais vivos, do batuque distante.

Percebeu pela primeira vez que os sons da noite, num ambiente como o da selva tropical, se propagam muito depressa. E soube-o depois de ter caminhado durante muito

tempo e verificado que o som continuava distante, dir-se-ia que cada vez mais. Logo depois, começou por ver, ainda ao longe, a claridade das fogueiras, as chamas esvoaçando como fogos-fátuos, o perfil das cubatas dispersas de uma sanzala. Aproximou-se da mais próxima e viu homens e mulheres dançando freneticamente à volta de uma das fogueiras, da maior que podia ver dali. Os homens envergavam uma tanga sumária, iluminados pelas labaredas que se desfaziam no ar por cima das suas cabeças e se transformavam em fagulhas que morriam na descida até ao chão. Estavam pintados de branco, no rosto e no torso luzidios. À luz das labaredas, essas pinturas emprestavam-lhes um ar fantasmagórico e quase ameaçador. As mulheres usavam um pano enrolado à cintura, que lhes chegava aos joelhos; as mais jovens traziam apenas uma tanga, os seios soltos, os mamilos túrgidos, sem pinturas nos corpos e nos rostos. Fosse o que fosse, qualquer que fosse o significado daquela dança frenética e sincopada, era visível a excitação de todos os que nela participavam. Compondo um círculo mais alargado à volta da fogueira, sentavam-se outros homens e mulheres, mais velhos, acenando aos dançarinos, gesticulando entre si ou batendo as mãos ao ritmo alucinante dos tambores.

Escondido por detrás da vegetação baixa junto à cubata, que circundava a clareira onde a batucada tinha lugar, em breve se deixou vencer pelo cansaço e adormeceu pesadamente. Teve um sono assaltado por pesadelos. Despertou rodeado pelas crianças da sanzala e por alguns adultos, descoberto que foi o seu refúgio precário, na manhã seguinte.

Nos rostos dos mais novos, viu um ar de troça e de curiosidade pela sua presença ali. Uma mulher mais velha, envergando apenas o pano colorido que algumas das mulheres vestiam durante o batuque da noite anterior, mas agora subido acima dos seios sobre os quais se fixava com um nó, aproximou-se dele, ainda deitado, perguntando-lhe na língua local:

— Quem és tu? O que é que andas a fazer por aqui?

Ergueu-se sobre um cotovelo, confuso, encarou a mulher e respondeu-lhe na mesma língua:

— Chamo-me João. Vim aqui procurar um lugar para passar a noite. Mas tive medo de interromper a vossa *rebita* e adormeci!

A mulher mostrava no rosto a surpresa daquela resposta na sua própria língua. E voltou a perguntar-lhe:

— Para onde vais? Como é que um miúdo branco fala comigo na minha língua?

Não lhe respondeu. Não queria dar mais explicações. Tinha medo de ser descoberto. Provavelmente, daquela sanzala ia gente ao Lobito com frequência. Lembrou-se do Pinto enquanto pensava na resposta a dar à pergunta da mulher se ela insistisse. O Pinto era um miúdo negro de uns doze anos, filho de pescadores que faziam a sua faina artesanal nos mangais da Caponte. A pequena e frágil *chata*, utilizada na pescaria nocturna por seu pai, era muitas vezes usada pelo filho durante o dia, na companhia de João, para a caça aos chocos quando era maré baixa nas águas sempre rasas dos mangais. Juntavam-se depois aos outros miúdos da sanzala, quase todos da mesma idade, para fazerem, para muitos deles, a única refeição do dia: chocos assados na fogueira. Fora assim que, em poucos anos, aprendera a falar fluentemente o dialecto daquela zona e, com isso, se tornara parte daquela comunidade como se ali tivesse nascido e por lá vivesse como mais um menino negro daquela sanzala, igual a tantas outras espalhadas pela imensa orla costeira de Angola. João era mais um miúdo no meio deles, igual a eles, excepto na cor da pele. Mas ninguém ali parecia reparar nessa diferença.

Interrompendo os pensamentos, olhou a mulher e decidiu responder-lhe:

— Eu sou amigo do Pinto e foi com ele que aprendi a falar a tua língua!

— E quem é o Pinto? — voltou ela a perguntar-lhe.

— O Pinto é filho do senhor Pinto, o pescador, que vive na sanzala dos pescadores, nos mangais da Caponte... — respondeu-lhe como se falasse de gente vizinha daquele povo quase remoto.

A mulher endireitou-se e quase lhe sorriu aparentemente satisfeita com a resposta.

— Queres comer? — A pergunta era perfeitamente escusada. Se ela não oferecesse, seria ele a pedir que lhe dessem comida. Sentia-se faminto.

— Quero! — foi a resposta pronta que lhe deu.

Ela fez um ligeiro aceno para que a seguisse. Todo o grupo, agora muito maior, que assistira à conversa em silêncio se afastou, num gesto tácito de boas-vindas, para o deixar passar. Alguns deles tocavam-no à sua passagem, surpreendidos pela cor da sua pele. Para muitos daqueles meninos seria a primeira vez que viam outro menino como eles, igual a eles, diferente na cor da sua pele.

Aguardou pelo momento da única refeição colectiva do dia. Faltavam ainda algumas horas mas a mulher dera-lhe um pedaço de mandioca cozida e uma batata-doce assada nas brasas para lhe acalmar o estômago vazio. Juntou-se às crianças que iam para o rio tomar banho e brincarem. Havia também adultos que vigiavam os mais novos. Ninguém estranhou a sua presença. Mergulhou nas águas tépidas de uma suave corrente do rio que ali passava, naquele local esquecido, dir-se-ia secreto, rodeado de árvores muito altas e de copas frondosas, habitadas pela comunidade de símios que vivia na margem oposta a julgar pelos guinchos agudos que soltavam.

Quando o sol já ia alto, todos regressaram à sanzala para a refeição. No centro das cubatas erguia-se um telheiro coberto de folhas de palmeira, fixadas com caniços do rio embebidos em lama solidificada com seiva. Enterrados no chão, para sustentar a cobertura, havia troncos grossos, dispostos

em círculo. O solo era coberto com esteiras feitas de caniços finos e esponjosos, entrelaçados. Naquele local eram tomadas as refeições colectivas de cada dia. E era também ali que os defuntos aguardavam, expostos, pelo momento do funeral.

A comida do dia era a de quase todos os dias: peixe do rio fresco, em abundância, misturado com peixe seco e salgado, também de águas doces. Eram cozinhados em óleo de palma com rama da batata-doce, gindungo e quiabos, introduzidos na panela de barro muito antes do peixe. Havia vários recipientes de cerca de meio metro de diâmetro, feitos de fibras de sisal cru, e outros entalhados em madeira macia, contendo farinha de milho ligeiramente cozida e farinha de mandioca, com uma cozedura mais prolongada. Sentia-se no ar, ainda longe de chegarem ao terreiro, o cheiro agradável da comida, e só nesse momento percebeu que continuava faminto apesar da refeição intermédia que tivera naquela manhã.

O ambiente era quase festivo, parecido com uma reunião de pessoas muito chegadas que não se vêem há muito tempo. Ninguém tinha pressa em acabar a refeição. Os alimentos eram levados à boca com os dedos, em pequenas quantidades de cada vez, depois de mergulhados no óleo de palma ainda quente. Os gestos eram vagarosos e todos conversavam vivamente. João conhecia bem aqueles hábitos que vira pela primeira vez em caso do Pinto. Uma mulher segurou-lhe a mão direita, conduzindo-a ao recipiente de comida junto deles. Era um convite amistoso para que começasse a comer.

Ficou com aquela gente durante muito tempo — durante longos meses, completamente integrado na pequena comunidade que o acolhera sem reservas. Ninguém lhe fazia perguntas. Era tratado como qualquer outro adolescente pelos mais velhos e pelos novos amigos da sua idade, já esclarecidos de que a cor diferente da sua pele não estava relacionada com nenhuma doença. Depressa se esqueceu das razões que o haviam levado àquele lugar...

CAPÍTULO II

Passou muito tempo com aquele povo hospitaleiro, de uma simplicidade quase primitiva, pacífico e bom. E, pela primeira vez desde há muito, não teve medo que o dia amanhecesse... Durante todo esse tempo, houve um dia diferente de todos os outros. Tinham regressado do banho no rio e, já chegados ao centro da sanzala para a refeição comunal, alguém deu pela falta de Kiwai, uma menina de oito anos. As horas seguintes foram de angústia e de silêncio para todos. Ninguém se atrevia a vaticinar sobre a sorte da menina. Sua mãe, uma jovem de pele parda e olhar doce, assistia às buscas junto ao rio com os olhos postos nas águas, como que numa súplica a Kianda. Toda a gente, homens, mulheres e crianças, fazia buscas por toda a parte, pela mata circundante e pelo caminho empedrado que ia desembocar junto à pequena enseada de pedras negras e areia dourada. Já ninguém falava. Tinham passado várias horas desde que haviam dado pelo desaparecimento da menina. Os olhares baixos entrecruzavam-se, num silêncio ensurdecador. Ao entardecer, um grupo de homens regressava do rio. Um deles trazia o corpo da pequena Kiwai nos braços, já sem vida, resgatado das entranhas de uma jibóia, que se denunciou pelo volume do corpo e pela lentidão com que se arrastava a pouca distância da margem.

Nessa noite, o corpo da menina, depois de lavado e envolto em panos, foi colocado no centro da clareira coberta. João aproximou-se e ali ficou, invadido por um sentimento de perda que desconhecia até àquele momento. Olhou longamente aquele pequeno rosto sem vida, de olhos fechados, iluminado pelo clarão das fogueiras entretanto acesas. Estranhamente, todas as crianças estavam presentes, conscientes do que acontecera a Kiwai. Algumas delas tocavam suavemente no corpo frio, numa carícia carregada de uma dor que muitos conheciam pela primeira vez. O luto era assumido por toda a comunidade, num silêncio recatado. Nessa noite, até quase ao romper do dia, todas as pessoas se juntaram em cânticos que João nunca tinha ouvido, tristes na toada e na melodia, mas grandiosos e vibrantes, a várias vozes, como se um maestro invisível os conduzisse. Era uma impressionante demonstração de afecto e de saudade, mas também de uma estranha alegria, quase misteriosa, aquele belíssimo adeus cantado, definitivo e pungente...

Ao nascer do dia, o corpo da menina foi envolvido nos panos coloridos feitos pelas mulheres mais velhas da sanzala, como se fosse vestida para uma festa. Num último adeus, as pessoas tocavam-lhe ao de leve no rosto inocente adormecido, numa carícia de despedida. O pai destacou-se, então, do grupo onde se encontrava, dirigiu-se ao lugar onde ela jazia, elevou-a cuidadosamente nos braços, aconchegando o pequeno corpo ao seu peito. Caminhando lentamente, afastou-se sozinho, em direcção ao lugar onde os mortos daquele povo eram depositados há muitas gerações. Ninguém o acompanhou. João fez o gesto de o seguir, mas uma mão, pousada sobre o seu ombro, transmitiu-lhe a mensagem silenciosa de que não deveria fazê-lo. Era o derradeiro e solitário adeus de um pai, e apenas dele. Nem a mãe da criança poderia juntar-se-lhe. Uma estranha tradição. Voltando-se para trás, João pôde ver o rosto ensombrado e triste da mulher, M'nara, a matriarca daquele povo que o recebera naquela manhã já distante no

tempo em que fora acolhido na sanzala. Ao fundo do telheiro, imóvel, de pé, só na sua dor, viu a mãe de Kiwai, quase uma menina, também ela, amparada por duas mulheres mais velhas.

Passaram-se vários dias sobre a morte de Kiwai. A rotina regressara à comunidade. Nada mudara. Para todos eles, ela estaria agora no reino da felicidade, ali bem perto...

Uma manhã, enquanto todas as crianças se encontravam no rio, M'nara apareceu junto à água à procura dele. Quando o viu, ao longe, afastado da margem, acenou-lhe. E quando, ofegante, João se aproximou, disse-lhe:

— Estão uns homens do posto lá na sanzala, à tua procura. Um deles é o chefe do posto. Fizeste alguma coisa de mal?

Esperava há muito tempo por uma notícia assim. Apres-sou-se a responder-lhe:

— Fugi de casa. Não quero voltar!

— Mas não poderás ficar aqui... é mau para nós!

— Eu sei — respondeu-lhe. — Vou-me embora!

M'nara ficou silenciosa durante uns instantes. Depois, disse-lhe:

— Não me acompanhes agora, mas não te vás embora já. Quando anoitecer vai ter comigo.

Afastou-se no seu andar pesado olhando, mais uma vez, para João, que se quedara pensativo e preocupado junto à margem. Acenou-lhe e retomou o caminho de regresso.

Ao cair da noite, o rapaz aproximou-se cuidadosamente da sanzala e da casa de M'nara. Havia uma fogueira ainda acesa no recinto central. Já quase toda a gente se recolhera às suas cubatas. Aproximou-se dela que, vendo-o, o puxou para dentro da pequena cubata. Tinha uma folha de papel na mão, que lhe estendeu. No centro da folha estava uma fotografia dele, pouco nítida, de pé, junto da sua bicicleta, tirada uns meses antes da fuga. M'nara olhava-o sem pronunciar uma palavra, à espera que ele se explicasse.

— Esta noite vais dormir aqui — disse, ao fim de um longo silêncio. — De manhã, antes de o sol nascer, tens de partir! O soba não te quer cá! — Ela sentara-se no chão de terra batida, coberto por uma esteira que confeccionara recentemente. Observara-a nessa tarefa, umas semanas antes, e aprendera com ela a fazer esteiras, embora esse trabalho não fizesse parte dos que estavam reservados aos rapazes da comunidade.

Ainda antes de se deitar, comeu do que M'nara lhe guardara para a última refeição do dia, uma vez que faltara ao jantar. Ela deitara-se, entretanto, e parecia ter adormecido já. Saiu para o exterior, dirigindo-se a uma edificação no centro da aldeia onde dormiam os mais novos, para recolher as coisas que tencionava levar consigo quando, na madrugada seguinte, se fosse embora. Passou pela casa do soba, um pouco maior que as restantes da aldeia e mais afastada das outras. Era um ancião franzino, de barba e cabelos brancos, o rosto de pergaminho marcado por tatuagens que lhe emprestavam um ar severo, quase lúgubre, grotesco. Do pescoço pendia-lhe um colar de missangas, à mistura com seixos do rio e dentes de presas das suas caçadas. Trazia sempre consigo, tal como naquele momento, um cajado muito polido que era, provavelmente, o símbolo da sua autoridade. Chamava-se Owamba mas nunca ninguém do seu povo ousaria chamá-lo por esse nome. João aproximou-se dele e cumprimentou-o com um gesto, sem lhe dirigir qualquer palavra. O velho olhou-o demoradamente mas nada disse. Entrou na cabana e fez-lhe sinal para o seguir. O pavimento do vasto compartimento estava coberto com esteiras grosseiras, feitas de sisal cru entrançado pelas mulheres da comunidade. No centro, delimitada por pedras que desenhavam um círculo, uma pequena lareira já quase apagada. Sentaram-se na esteira de frente um para o outro. Naquela simplicidade de gestos, o *sekulo* concedia-lhe o raro privilégio de lhe franquear a porta da

sua casa e de com ele se sentar, de igual para igual, dentro dela. Ficaram assim, olhando-se, durante uns momentos. Por fim, perguntou-lhe, num português quase gutural e surpreendente:

— Qual é o teu caminho quando, amanhã, saíres daqui?

— A pergunta era feita quase casualmente. O velho perscrutava o céu plúmbeo e sem lua através da porta entreaberta, como se nele procurasse o caminho que o rapaz ia tomar.

— Eu quero ir para Luanda! — respondeu-lhe na língua local.

— Esse lugar fica muito longe! — Sorria, a boca desdentada emprestava-lhe um ar grotesco.

— Acho que sim! — voltou a responder-lhe.

— E porque é que queres ir para lá? — O olhar de Owamba era agora sério.

— Vou procurar uma pessoa...

— Tens de ter cuidado se não quiseses ser apanhado!...

— Um aviso em voz neutra e quase sussurrante como se alguém estivesse a ouvir.

— Apanhado por quem?! — A pergunta era sonsa, arriscando-se a não receber qualquer resposta. João sabia que não haveria respostas directas e que teria de descodificar o sentido das palavras que o velho lhe dissesse.

— Pelos bichos... — A resposta vinha numa voz intencionalmente suave, mas agora trocista.

— E como é que faço para não ser apanhado? — perguntou com um ar mais sério.

— Vais ter de andar sempre sozinho! Caminhos com pouca gente... onde não podem passar os carros! De noite, se houver luz da lua, forte, podes andar. Se ficar muito escuro, fica quieto, em lugares onde não sejas atacado pelos bichos! Não fales com os brancos! Eles andam à tua procura...

João ficou sem perceber a que bichos se referia o velho.

Owamba fez uma pausa na conversa. Cheio de vagares, enchia de folhas de tabaco negro, grosseiramente picadas, a

fornalha de um cachimbo feito por si próprio em madeira macia de *panga-panga*. Segurou entre os dedos uma pequena brasa que retirou da lareira e colocou-a no topo da fornalha do cachimbo. Instantes depois o fumo cinzento enchia o compartimento. Olhou demoradamente o seu jovem visitante e começou a falar em voz baixa, mudando radicalmente de assunto, como se fosse contar-lhe um segredo:

— Há muito tempo, neste mesmo lugar, viveu um grande soba, meu antepassado, neto da grande rainha Nzinga. Um dia vieram para aqui muitos soldados brancos que por cá ficaram durante muito tempo. Todos os *kimbos* desta região foram severamente castigados por eles, principalmente as mulheres mais novas, que eles levavam. Algumas morreram. Outras voltaram para morrer, com muitas doenças dos brancos. Quando os soldados se foram embora de vez, levaram com eles as filhas do soba e a sua viúva mais nova. Durante a viagem essas mulheres, que eram a rainha e as princesas deste povo, foram violadas pelos soldados e uma delas, a rainha, foi morta.

O velho calou-se. Tinha o olhar perdido algures no vazio da sala saturada de fumo. Em voz quase inaudível, acrescentou mansamente:

— Ela era a minha mãe...

Ergueu-se momentos depois e entrou no compartimento contíguo. Quando regressou e voltou a sentar-se, João viu-o pousar à sua frente uma pequena caixa artesanal de madeira polida. No tampo era visível o desenho entalhado de um leão de juba imponente, de uma lança e de uma cadeira com o aspecto de um trono tribal. O objecto tinha vestígios de uso intenso, a madeira escurecida e gasta pelo tempo. Em gestos carregados de uma estranha reverência, abriu lentamente o pequeno cofre e dele extraiu um pequeno colar de pedrinhas multiformes coloridas. Segurou-o entre os dedos por um momento e entregou-o ao jovem visitante, dizendo-lhe:

— Toma! Põe ao pescoço e nunca mais deixes de o usar. É para te dar sorte e para tu saberes que fazes parte deste povo para sempre. Volta quando quiseres! Agora tu és um de nós, que parte e há-de voltar um dia.

Owamba deu a conversa por terminada e levantou-se, a caminho da porta da cubata. Já no exterior, de rosto impassível, aproximou-se dele e com a mão direita tocou-lhe ao de leve o peito, a garganta e a testa. Virando-lhe as costas e sem mais palavras, entrou na cubata, de onde saía uma luz muito ténue que se apagou momentos depois.

Acordou de um sono profundo e pesado ao toque de M'nara. Ela estendia-lhe uma pequena trouxa, certamente com alguns alimentos para o caminho. Mais tarde, João abria-la-ia encontrando, além de uma quantidade generosa de batata-doce cozida, uma pequena pulseira de missangas coloridas enfiadas num espesso e invulgarmente longo pêlo de elefante. Um pequeno tesouro. Era um presente de despedida, simples, e que lhe dizia que o coração daquela mulher se abrira para ele, como o de uma mãe. Também ela, tal como o soba na noite anterior, dirigiu a sua mão aberta ao peito, à garganta e à testa de João, tocando-lhes suavemente. Sentiu nos dedos da mulher uma carícia maternal. Com um gesto desprendido ela fez-lhe sinal para que seguisse o seu caminho. Com ar trocista, ainda lhe perguntou em voz doce:

— Quem é o Pinto?...

Já no limiar da porta que dava para o terreiro, olhou-a uma última vez e viu nos seus olhos um brilho desusado e uma lágrima que lhe escorria pela face, abertamente. Não a vira chorar nem sequer na morte de Kiwai!

Algumas horas depois de sair da sanzala, atravessando a floresta que a circundava, estava de regresso à estrada! Longa, sinuosa, a perder de vista, ainda iluminada pelo alvor da madrugada! Havia no ar um cheiro bom a terra molhada que se misturava com o perfume dos frutos maduros pendentes das

árvores. Sentiu-se triste e profundamente só, pela primeira vez em muito tempo.

Já não se lembrava bem se aquele seria o quarto ou o quinto dia depois de sair da aldeia de M'nara. Estava exausto e faminto. A batata-doce acabara. Na zona da floresta que já percorrera não conseguira encontrar árvores com frutos silvestres. Os únicos que via eram bananas no alto das bananeiras do pequeno bosque. Só que as árvores eram demasiado altas para as conseguir escalar e recolher frutos. Descalçara-se porque as sandálias estavam desfeitas e magoavam-lhe os pés. Chovera torrencialmente nos últimos dois dias e a estrada estava submersa até perder de vista, à noite transformada num espelho quebrado, longo e sinuoso, sob o luar intenso.

Ao princípio da tarde de um dia, capitulou, exausto. Deixou-se cair junto a uma árvore, num lugar mais seco, e adormeceu instantaneamente. Acordou com o rugido de um motor potente que se aproximava. No instante seguinte, deixou de o ouvir! Ergueu-se e procurou avistar o carro, certamente uma camioneta que, por qualquer razão, parara algures num ponto da estrada, antes de ali chegar. Mas do veículo, nem sinal! Andou algumas centenas de metros em sentido contrário e, de repente, avistou uma camioneta parada, numa posição estranha. Parecia tombada para um dos lados. Dois homens, ainda jovens, estavam junto dela e um deles gesticulava furiosamente. Foi-se aproximando, a medo, impelido pela necessidade de pedir ajuda. Nenhum deles deu, até àquele instante, pela sua presença. O branco estava de calções e camisa de manga curta desabotoada e botins de couro. Era, certamente, o motorista. O outro, talvez um bocadinho mais velho, negro, estava em tronco nu e descalço. Tinha o estranho nome de Pitigrilli, viria a saber mais tarde. Era a equipa habitual de dois homens, um branco e um negro, daqueles carros de carga, que via frequentemente no porto do Lobito a carregar mercadorias.